JUAZEIRO, CIDADE MÍSTICA

JOAQUIM ALVES

I

Raizes do misticismo brasileiro

1 — Os primeiros povoadores do Brasil designavam as terras interlandinas pela denominação genérica de *sertão,* como querendo significar região desértica, isto é, desabitada. Ainda no século passado os viajantes estrangeiros chamavam deserto ás planícies interiores, com seus rebanhos esparsos, sua população rarefeita, suas choupanas de palha ou de taipa, com seus núcleos populosos de maior vulto, desenvolvendo-se em torno da casa grande da fazenda.

A situação das terras de criar, do interior das Minas Gerais a Pastos Bons, no Maranhão, era a mesma. Campos Gerais alternando com formações montanhosas que serviam de divisoras das bacias do São Francisco, Parnaíba e do Tocantins.

Formaram-se os primeiros grupos populacionais com a penetração do vaqueiro e do sesmeiro, nos séculos XVII e XVIII, sendo as páginas mais vivas da história desse período as de Capistrano de Abreu, em *Capítulos de História Colonial* e *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil.* Findo o século XVIII, foi suspensa a corrente migratória para o interior, ficando os criadores com seus escravos e agregados de origem indígena e africana limitados á sua área de influência, representada pela propriedade que cultivavam. O crescimento populacional foi lento, nos dois primeiros séculos.

Não se registou, após a Independência, um processo de renovação cultural. Permaneceram os mesmos valores da Colónia. A mesma técnica pastoríl foi continuada no Império, pois a agricultura nas terras de criar era limitada ao plantio de *roças p'ra comer verde,* costume que permaneceu nos sertões dos Inhamuns, Ceará, até depois da segunda década do século actual.

A paisagem natural, aos poucos, foi destruída pelo homem, mesmo nas áreas exclusivamente pastoris, pois os currais exigiam madeira para sua construção, e o homem lenha para a cozinha e construção da morada. Do alto São Francisco ás planícies do Tocantins, durante dois séculos

convergiram os colonos para sua ocupação, e nunca mais recebeu elementos novos para a renovação dos grupos humanos. Só o homem dos sertões se movimenta de uma região para outra, numa mobilidade que relembra os tapuias, ocupadores primitivos da terra.

Na área vastíssima que constituiu os domínios da Casa da Torre e se estendeu mais além, desenvolveu-se uma sociedade pastoril que evoluiu lentamente para as actividades agrícolas, pois não há muitos decénios as propriedades entre Goiaz e Maranhão eram vendidas pelo número de reses que tinham em seus campos de criar, entrando em conta para valorização as aguadas existentes.

As distancias dos centros administradores do litoral ensinaram o criador a produzir na fazenda o necessário para sua subsistência. E assim se formaram em torno das casas grandes os núcleos que se transformaram em povoados, depois vilas e, alguns, mais tarde, em cidades. Ao longo do São Francisco e seus afluentes a formação social se processou obedecendo a esse critério. Os boiadeiros, os comerciantes, os comboeiros, escolhiam o pouso para dormida, descanso ou realização de feiras sertanejas, atendendo á acomodação que o local oferecia, preferindo sempre a fazenda que possuía melhores cercados, pastagens e aguada. O animal da montada e da carga constituía a maior preocupação do viajante. Como precaução, era costume, até a penetração do caminhão, em 1920 mais ou menos, o comboeiro conduzir um animal com água e milho para a *tropa*, e *borracha* com água para uso pessoal.

Formaram-se distantes uns dos outros dez, vinte ou mais léguas portuguesas, os pequenos poovados distribuídos em uma área de algumas centenas de milhares de quilómetros quadrados. Muitos cresceram e aparecem como cidades modernas na vida do século XX; muitos desapareceram, não conseguiram vencer a concorrência dos que se encontravam em posição geográfica melhor para atender ás necessidades do comércio interior.

Juazeiro da Baia, antiga Barra do Juazeiro, como era conhecida no início do século passado, transformou-se no centro de convergência das populações de Goiaz, Maranhão e Piuaí, que conduzem para aquele porto fluvial os seus produtos regionais. Vila Bela, em Pernambuco, conservou-se como ponto de cruzamento das estradas que se dirigiam para o Cariri, no Ceará, e para o São Francisco e Recife, nos fins do século XVII. Localizada em uma região pastoril, sem grandes possibilidades, Vila Bela continuou como passagem obrigatória para a metrópole pernambucana, mas não avançou, como Salgueiro, na mesma região, que se encontra em condições de servir a uma área maior e mais densamente povoada, sendo, actualmente, um centro económico colector da produção cearense.

Os sertões de criar do Piauí, daquém Parnaíba, ficaram integrados á influência de Juazeiro; Oeiras, Floriano, Picos, Jaicós e Paulistana são, presentemente, tributárias da cidade baiana do São Francisco. Na primeira metade do século passado eram a referência obrigatória dos viajantes. A cidade sanfranciscana atraía os comerciantes e boiadeiros desses centros pecuaristas do Piauí.

Quatro localidades se aproximam na região limítrofe de quatro Estados: Pedro Afonso, em Goiaz, Santa Rita, actual Bucuituba, na Baía, Alto Parnaíba, ex-Vitória do Alto Parnaíba, no Maranhão, e Gilbués, no

Piauí. Esta última é o centro de convergência de romeiros, mascates e boiadeiros que se dirigem para o São Francisco. Gilbués fica a mais de cem léguas de Teresina e duzentas da Lapa, na Baía. As quatro cidades referidas estão, mais ou menos, á mesma distancia. Há entre elas e os Estados que representam um intercambio permanente, mantendo relações económicas que se reflectem na vida regional.

Nos sertões do Nordeste Seco: Araripina, em Pernambuco, Jaicós, no Piauí e Campos Sales, no Ceará, ficam equidistantes, com os mesmos interesses, as mesmas actividades. A primeira, por sua posição centralizadora de estradas, progrediu mais; de simples povoado, há menos de vinte e cinco anos, é, actualmente, um Município próspero, ligado aos centros económicos mais importantes da região.

Paulistana, cidade piauiense já referida, é ponto de linha da estrada de ferro Petrolina-Teresina, cujos trabalhos estão iniciados há mais de trinta anos; é passagem obrigatória dos que procuram Juazeiro da Baía.

As cidades mencionadas, nos sete Estados, viveram, perdidas no interior do Brasil, a mesma vida anónima das demais cidades sertanejas do século XIX. Algumas, certamente, não chegaram, naqueles tempos, á categoria de vila, mas exerceram as funções de ligação entre as populações interiores, servindo de referência de todos os roteiros, com os nomes antigos que tiveram e que a última reforma toponímica substituiu.

O sertanejo, em todos os tempos, movimentou-se, na área a que nos referimos, para atender ás suas próprias necessidades económicas, quando não eram atingidos pelas crises climáticas. Os acontecimentos máximos da vida regional reflectiram-se entre as suas populações, principalmente os de caracter religioso, em virtude da formação espiritual que tiveram.

Mais próximos do litoral, Paraíba e Rio Grande do Norte participaram, por suas cidades lindeiras, dos acontecimentos que impressionaram o homem simples, honesto e sincero, que encontrou na pastorícia iniciada no século XVII os fundamentos das suas actividades económicas nos dois séculos seguintes, estendendo-se a influência da criação até ás duas primeiras décadas do presente.

Tão profunda foi a influência do meio no decurso dos dois primeiros séculos de colonização, que o homem passou a representar, com suas atitudes, com a simplicidade de sua vida, a própria natureza, áspero, indomável, ao mesmo tempo que brando e sociável, aliando qualidades extremas a atitudes extremas.

2 — Como se formou o tipo étnico dos nossos sertões, na área a que nos referimos? Quais as tendências manifestadas pelo homem no decurso da sua formação social? Como se comportou no isolamento a que se condenou, sem contacto com a civilização litoranea, que se desenvolveu em função da civilização europeia?

São perguntas que surgem, ao pensar-se na vida de abandono em que viveram as populações rurais, durante dois séculos. Os viajantes da primeira metade do século XIX registam factos da vida em família, acontecimentos sociais em que o amo e o agregado, vivendo todos uma vida em compartimentos fechados, sentindo, porém, todos a necessidade de uma defesa mútua, se uniram para as lutas, para as desgraças e para as alegri-

as. Daí desenvolver-se, nos sertões, o sentimento de resistência ás inovações, lutando todos pela conservação do que era antigo, dos costumes, das tradições do pátrio poder, o que explica a ascendência dos proprietários de terras, verdadeiros latifundiários, sobre tudo o que existia em suas propriedades, estendendo sua protecção a quantos procurassem a sombra de sua casa, qualquer que fosse a situação em que se encontrassem. Era uma desonra não dar abrigo ao homem de arma que procurasse protecção.

O proprietário rural contribuiu, nos sertões, para a formação de uma mentalidade feudal, com as caracteristicas da prioridade da terra sobre todas as forças sociais, como elemento de coordenação, de concentração da autoridade, do respeito individual. A propriedade rural reuniu todos os poderes da vida social.

Dentro da organização agrária da colónia reuniram-se os três elementos étnicos de que resultaram as populações sertanejas.

Cada uma das áreas de mistão apresenta caracteres próprios, diferenciadores das actividades humanas. A bacia do São Frncisco oferece um tipo étnico que se distancia do homem que se desenvolveu nas terras ásperas dos sertões secos. A água, elemento fundamental da vida, contribuiu para a formação do *barranqueiro,* sujeito igualmente ás secas, mas dispondo de maiores possibilidades para resistir ao flagelo, pois conta com a pesca e a navegação no grande rio.

Domínio das tribos tapuias, toda a grande área do médio e baixo São Francisco foi ocupada pelo braço escravo que substituiu o antigo proprietário da terra. As guerras contra a indiada, promovidas pelos senhores da Casa da Torre e pelo governo colonial, destruíram as tribos rebeldes e escravizaram as vencidas. Não houve forças de missionários que impedisse a *razzia.* Para os trabalhos da lavoura vieram os negros de várias regiões d'Africa: Minas, Bantus, Assuás, os de cultura mais avançada misturaram-se com os mais retardados. Elementos Gês, Caraíbas, Cariris, entre outros dos grupos tapuias, misturaram-se com elementos negros e brancos, estes dominadores. Contribuíram todos com seu sangue para a mistão, através de gerações sucessivas.

Ao se estudar o problema das etnias regionais, tem-se a impressão que uma grande muralha separava o litoral dos sertões. Sem nenhum contacto, conservando apenas as relações estritamente administrativas, as áreas sertanejas viveram seus dias de formação social sem tomar conhecimento do que se passava além dos limites da fazenda de cada criador, do sítio, do povoado. Cada pequena propriedade representava um pequeno feudo, com sua Casa Grande continuada pela capela e o engenho, se havia canaviais, ou casa de farinha e, mais adiante, como um prolongamento, a senzala, que transmitia ao senhorzinho e á iaiázinha as lendas e tradições africanas, nas narrativas noturnas, misturando os santos da Igreja com os deuses negros, atribuindo sempre a estes qualidades elevadas.

O grande proprietário, senhor feudal em um mundo que se transformava, desconhecia as lutas da Reforma. Não tomou conhecimento do que se passava no mundo dos conquistadores. O capelão dirigia a vida espiritual, sendo autoridade mais respeitada em assuntos de letras.

O poder administrativo viajava pelo interior para fiscalizar a arrecadação dos impostos do Rei ou para proceder a demandas. Tudo isto con-

tribuiu para que o senhor da terra se constituisse em autoridade absoluta, conservando um sistema político em decomposição.

As populações isoladas conservaram velhas formas da linguagem do século XVII, hoje arcaicas, principalmente na região sanfranciscana, onde menor foi a influência do elemento afro. Em Pernambuco, Petrolina, Ouricuri, Leopoldina, Maniçobal, onde foram localizadas as primeiras fazendas de criar, acompanhando os cursos dos rios da Brígida, Pajeú, Moxotó, que antigamente constituiram a Comarca de Flores, são áreas que se conservaram segregadas do contacto cultural, representando centros admiráveis para pesquisas dialectais. Constituem um recanto onde foram conservadas, até nossos dias, formas da vida primitiva, em que as instituições das três raças são surpreendidas nas atitudes do homem que as representa.

No lado baiano outros factores concorreram para um maior contacto com a vida do litoral distante. A lavoura do açucar, iniciada na Colónia, e as estradas que levaram para o Piauí, Goiaz, Baía e Pernambuco foram vias de circulação da vida económica e social, em que a cultura afra, emigrada e escrava, teve grande preponderancia. Daí as difrenciações entre o que se pode chamar *cultura seraneja* e *cultura sanfranciscana,* nas quais se observam os processos de aculturação do indígena e do negro.

Nas áreas fronteiriças do Piauí, Ceará e Pernambuco, observa-se distintamente, a diferença entre as populações que vivem em intercambio comercial. O estudo dialectal oferece o aspecto mais interessante das áreas culturais em contacto. A maior ou menor força na emissão de um fonema, a supressão ou deslocamento de uma sílaba ou de uma letra, em alguns vocábulos, ou, ainda, a variação de significado, assinalam a linha divisória de influência cultural das áreas referidas.

Na sociedade surgida com os currais, a ascendência do factor espiritual se faz sentir em todas as manifestações das actividades culturais. O proprietário de terras, em grande parte antigos foreiros, não possuía um lastro de cultura capaz de criar uma civilização distanciada das normas primitivas.

Duzentos anos viveu o sertanejo uma vida isolada, sem contacto, bastando-se a si mesmo. O século XIX assinala o início do seu despertar. Sacudido pelas pregações dos missionários que percoreram os sertões, na primeira metade, processou-se uma reacção, profundamente mística, na alma do povo, habituado ás pregações dos capelães e dos parócos, quando em viagem de desobriga.

3 — O misticismo das populações sertanejas manifestou-se na criação dos santuários católicos, localizados em pontos distantes, que se constituiram a refúgio das populações aflitas e abandonadas.

Em Minas Gerais, "Bom Jesus de Matozinhos, venerado em seu templo de Congonhas do Campo, no vale de Paraopeba" (Morais Rego — *O Vale do São Francisco,* página 182, edição Renascença, 1945), representa o santuário das populações das "terras altas de Minas", no vale sanfranciscano; seus devotos vêm pagar as promessas e trazer a oferenda das suas orações, reunindo-se anualmente, milhares de peregrinos atraídos pela história dos seus milagres.

No médio São Francisco encontra-se Bom Jesus da Lapa, cuja ima-

gem foi encontrada em uma gruta calcária, segundo a tradição. Teodoro Sampaio, em *O São Francisco e a Chapada Diamantina*, ocupando-se da visita que fez ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, escreveu, em 1880:

"Eram 6 horas da manhã, quando galgamos a entrada que nos conduz ao átrio. Tocamos aí o sino como sinal de romeiros á porta e logo apareceu-nos o sacristão, que no-la abriu e por onde entramos na capela já ocupada por uma multidão andrajosa e chagada, homens, mulheres e meninos, exibindo suas deformidades, as suas úlceras e as suas misérias, pedindo, clamando, atravessando o seu braço descarnado para nos tomar o passo, rogando, suplicando, impertinentemente, incansávelmente.

"Logo ao entrar, o efeito que experimenta o visitante é extraordinário e emocianante. O espectador entra logo em trevas a dous passos da entrada, mas divisa, logo no fundo da gruta, iluminados por uma luz discreta, que entra por uma fresta envidraçada á direita, os três altares dourados, mas singelos, onde estão as imagens e, no meio, a do crucificado Senhor Bom Jesus da Lapa, consolo e remédio dos que crêem e dos que têm fé.

"Experimenta-se uma certa irreprimível emoção; sente-se uma impressão de frio á medida que se avança; percebe-se que estamos pisando no húmido, caminha-se por entre poças dágua milagrosa que pinga vagarosamente e incessantemente das pontas dos estalectites que se projectam da abóbada negra da caverna e, por fim, começam-se a divulgar melhor os objectos em torno: a esquerda um púlpito, o confessionário, os milagres, representados em cera e pendentes da pareda retocada, o cofre de ferro, onde um letreiro indica a espécie de moeda a depositar-se, o altar de Nossa Senhora das Dôres; á direita vêem-se empilhados alguns tijolos para revestir o chão, os mesmos votos ou milagres de cera, as portas e janelas envidraçadas abertas na rocha, a sacristia e um outro altar.

"No fundo, o altar mor, dourado e rico, tem ao lado uma pequena porta que dá para uma galeria estreita e baixa, de certo o extremo obscuro da caverna primitiva que ficou sem ampliação" (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, volume 167, páginas 346-347, Rio).

É uma página rica de informações do que era naqueles tempos o Santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa, centro de veneração para onde convergem as populações, não só do médio São Francisco, mas de sertões mais longínquos, desde os tempos coloniais até o presente, á procura de um auxílio não só espiritual mas, igualmente, material, para os males da matéria e do espírito.

Em torno do Santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa, um mundo de lendas foi criado pela imaginação mística do homem sanfrancisquense, mestiço de três raças que contam na sua formação tradições históricas que o folclore recolheu, para memória dos dias heróicos, como atestado das suas origens.

O Santuário da Lapa conta mais de duzentos anos. "Data de 1695 e seu descobridor-instituidor foi Francisco de Mendonça Mar, depois Francisco da Soledade, do hábito de São Pedro, que em 1717 pediu ao Rei a concessão da terra, a imitação dos passais para remediar as necessidades dos passageiros e romeiros" (Urbino Viana — *Bandeirantes e Sertanistas Baianos*, edição Brasiliana, série V, volume XLVIII, página 119,

São Paulo). A história do Santuário da Lapa está, assim, ligada á história dos primeiros conquistadores da terra, quando se desenvolviam as guerras contra a indiada revoltada.

Como todo Santuário, o da Lapa tem sua lenda que se perde na tradição oral, remontando desde os primeiros momentos da tragédia sertaneja. Dias bons, dias maus, invernos criadores, secas destruidoras, alternaram-se no caledário do sanfrancisquense, do mesmo modo que no calendário do Nordeste Seco, nas terras goianas expostas ao flagelo e nas terras de Minas, fronteiriças da Baía; a história angustiosa dos dias de privações e de miséria é a mesma.

O abandono do homem em um meio hostil, sem contar com outro auxílio que não o da Divina Providência, não podia deixar de produzir o que realmente produziu: o misticismo do homem rural.

Não ficaram, porém, apenas nos dois Santuários, o de Congonha dos Campos e o da Lapa. Surgiram, em outros pontos dos sertões, Santuários de veneração pública, de repercussão nacional, destacando-se, dentre todos, o de São Francisco de Canindé, nos sertões secos do Ceará. Não procuramos resconstituir a história lendária que envolve os Santuários.

A veneração de São Francisco de Canindé data de 1792, quando foi iniciada a construção da Capelinha sob sua invocação, pelo fazendeiro Xavier de Medeiros. A pequena capela onde primeiro foi venerado o *Pobrezinho de Assis,* transformou-se em rica basílica que abriga, nos dias de festas, para mais de cinco mil peregrinos.

A Basílica de São Francisco de Canindé é hoje um dos templos mais conhecidos do Brasil, com renome igual ao do Senhor Bom Jesus da Lapa, do Senhor Bom Jesus do Bonfim da Baía, de Nossa Senhora de Nazaré de Belém. Dos dias 1.° a 4 de Outubro chegam ao Ceará, vindos de outros Estados, de avião, navio, automóvel, caminhão, a trem, a cavalo, a pé, dezenas de milhares de romeiros que vêm prestar suas homenagens a São Francisco, depositar seu óbolo, os ex-votos em cera, gesso ou madeira, na Casa dos Milagres.

O Convento dos Capuchinhos, construído fora da Cidade, apresenta um aspecto medieval, com seu parque, seus claustros, com avenidas e áreas extensas para passeios. Como complemento do Convento, existe um Colégio para preparação da mocidade que deseja propagar as virtudes de São Francisco, continuar sua vida mística.

Os grandes Santuários Católicos da Lapa e Canindé reunem as populações que frequentam, igualmente, o Santuário de Nossa Senhora das Dores do Juazeiro, do Padre Cícero, de igual repercussão.

Nas duas primeiras décadas do século actual surgiu, envolto em lendas, um novo Santuário em Santa Cruz, Município de Ouricuri, Pernambuco. Nos três primeiros dias de Maio, reunia-se no pequeno lugarejo, onde foi encontrada uma Cruz, segundo a tradição que recolhemos, quando passamos naqueles sertões, em 1922, uma multidão superior a oito mil romeiros, originários dos sertões baianos, goianos, piauienses, cearenses, inclusive de Fortaleza, para as festividades de Santa Cruz. Ao lado do sentimento de fé, estão a maldade, os jogos, os planos de assalto aos romeiros sinceros.

A história do pequeno Santuário da Santa Cruz apoia-se na lenda, porque o nosso povo gosta das lendas, do extraordinário, do sobrenatural.

4 — Nas cidades lindeiras de Maranhão, Goiaz, Baía e Piauí verificam-se os contactos culturais das populações regionais, que identificam as afinidades espirituais do sertanejo, embora predominem costumes religiosos indígenas e africanos que constituem planos opostos, com os deuses tradicionais das duas raças; a devoção mística aos Santos Católicos é comum aos dois grupos. Bom Jesus da Lapa é o Santuário mais próximo. As populações da região realizam as romarias demoradas, á procura de um alívio para os seus sofrimentos.

Não há grande diferença de cultura entre senhores e agregados. O que os distancia, ainda hoje, é o domínio da terra, é a posse dos recursos económicos necessários para desenvolver a pecuária e o comércio.

Nas longas jornadas agregados e senhores da terra procuram o Senhor Bom Jesus da Lapa reunidos em um mesmo grupo, formando caravanas que percorrem os sertões semi-desertos do Alto Parnaíba, Pedro Afonso, Bucuituba, confluindo todos para Gilbués, cuja estrada conduz ao famoso Santuário. As ligações fluviais que levam ao São Francisco, nesse trecho, encontram-se a umas vinte e cinco léguas mais ou menos, em Pontal, onde o rio Preto despeja no rio Grande, indo este encontrar-se com o São Francisco a uns duzentos quilómetros aproximadamente.

A fé conduz o homem até o local da sua peregrinação. Resiste ás longas peregrinações, muitas vezes sem o necessário para sua manutenção. A viagem de regresso não é menos cheia de dificuldades. A pé ou montado, o homem a realiza com o mesmo entusiasmo, a mesma confiança com que a projectou e a executou, tendo sempre um objectivo: a veneração do Senhor Bom Jesus da Lapa.

Populações rústicas, conservando em seus hábitos costumes que representam a herança social dos seus ante-passados, não podiam deixar de misturar com as crenças verdadeiras do cristianismo, as crenças herdadas do afro, do indígena e do português dos primeiros séculos da ocupação da terra. É interessante registar-se que os lusos que vieram para a colonização do Brasil estavam afeitos ao convívio das populações orientais, de cujas crenças assimilaram as superstições, dentre as quais se destaca o sentido fatalista dos árabes, aspecto predominante entre os ruríc ulas, além de estarem, por suas origens étnicas, presos ás populações árabes que ocuparam a península ibérica no século VII. Representando o sentimento cristão, os portugueses tomaram suas crenças para motivos das lutas de conquista em terras d'Africa e da Ásia, de onde trouxeram para a conquista da América a confiança excessiva em seus valores; não deixaram, porém, de sofrer a influência dos povos vencidos, que se manifesta no excesso de religiosidade, como temendo perder a fé dos seus maiores.

Foi esse excesso de religiosidade herdado dos portugueses que, entre as populações resultantes da mistão sucessiva de dois séculos, entre portugueses, índios e afros, contribuiu, em grande parte, para o misticismo das populações sertanejas que procuraram nas peregrinações aos santuários do interior, manter um permanente contacto com a Divindade. É assim que o Senhor Bom Jesus de Congonha dos Campos, em Minas, o Senhor

Bom Jesus da Lapa, na Baía, e São Francisco de Canindé, situados em regiões diferentes, desde os fins do século XVII, distantes milhares de quilómetros um do outro, representam os grandes centros de religiosidade do nosso povo integrado na Igreja Católica Romana. Com o mesmo sentimento de fé, os que visitam os três grandes Santuários referidos visitam o de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Padre Cícero, há mais de meio século.

A explicação para o último caso, colocando em igualdade de crença a cidade sagrada de Juazeiro do Ceará, encontra-se nas condições do nível mental das nossas populações rurais, que não estão em condições de assimilar, integralmente, os ensinamentos cristãos. Daí as anomalias religiosas registadas na história das crenças populares. Factor preponderante para as anomalias registadas, foram, sem dúvida, as actividades missionárias da primeira metade do século XIX, em que o ardor catequético se reflectiu nas populações rurais de um modo estranho, criando uma mentalidade mística entre a gente simples, desacostumada ás exposições fortes, como as que, então, se faziam sobre as cousas eternas.

As *Missões Abreviadas,* livro piedoso que constituiu o breviário do sertanejo por muitas décadas, contavam factos extraordinários, de castigos, em vida, de penas, de sofrimentos dos que transgrediam a lei Divina.

Naqueles tempos, contavam os antigos que conheci nos sertões, o jejum era a *pão e água.* Não ordenhavam as vacas nos dias sagrados da Senamana Santa, porque, em lugar de leite, saía sangue. São inumeras as histórias que correram os sertões. Senhores de escravos que castigavam rigorosamente seus servidores, eram vistos na fornalha do engenho, quando o escravo ia botar fogo para os trabalhos do dia.

Das actividades missionárias resultaram benefícios espirituais e morais de influência preponderante entre as populações, destacando-se, dentre todos, o respeito á família, a moral doméstica que ainda é uma garantia da nossa gente.

Repercutiam, ainda, até as primeiras décadas do século presente, as palavras proféticas de Frei Vidal da Penha e de Frei Ibiapina. Foi mais de meio século de trabalho catequético, em que a sinceridade dos missionários e o desejo ardente de arrastar para o rebanho de Cristo as ovelhas desgarradas, muito contribuiram para dar expressão ao misticismo das populações rurais nas áreas referidas.

II

Formação mística de Juazeiro

5 — A história de Juazeiro do Ceará é a história da vida de um homem: o Padre Cícero Romão Baptista.

Os acontecimentos que se desenvolveram nos sertões, nos dois séculos de colonização e na primeira metade do XIX, prepararam o sertanejo para

uma vida contemplativa, ante a constante ameaça de um castigo, como era e continua sendo recebida a Seca. Os ensinamentos religiosos levaram o rurígena a aceitar como cousa sem remédio os males que lhe afligem, o que explica o fatalismo com que recebe os maiores acontecimentos da vida nacional e suporta os maiores sofrimentos individuais.

Não culpamos os missionários que pregaram a palavra divina com o entusiasmo daqueles que, estando com a verdade, procuram por todos os meios atrair para seu grémio os que se encontram afastados. As populações sertanejas, incultas, voltavam-se para a prática de actos religiosos contrários ao espírito da Igreja, como sejam a adoração de ídolos e exercício de religiões bárbaras, vindas da África ou dos próprios indígenas, do que resultou o sincretismo católico-fetichista.

Foi a coexistência das práticas religiosas do africano e do selvícola que permitiu se praticassem, ao mesmo tempo, actos da religião cristã, com a interpretação dos deuses africanos, Exu, Ogum, Orixá, Iemanjá, nos *terreiros*. Ainda hoje, nas práticas de pajelança e nos candoblés, identifica-se, perfeitamente, a transferência que o Pai do terreiro faz dos valores dos santos católicos para os ídolos africanos, principalmente nas práticas mistas do espiritismo e africanismo, em que se pronunciam preces, invocando Ogum e Exu.

Nos sertões, dos Tocantins ao São Francisco, ficaram sem assistência as populações de origem indígena e africana que misturaram suas velhas crenças fetichistas com os ensinamentos cristãos. Desde os primeiros sacerdotes que percorreram o interior, que a situação religiosa dos indígenas mereceu a atenção dos catequistas, visto não ser muito fácil mudar, radicalmente, a mentalidade religiosa das populações selvícolas.

A entrada do africano para a lavoura da cana de açúcar, na bacia do São Francisco, e para os trabalhos de mineração, nas Minas Gerais, permitiu a introdução das práticas religiosas do negro entre as populações regionais.

As religiões afras foram as que exerceram maior influência entre as populações sertanejas da área do São Francisco, razão por que nessa área se passaram os acontecimentos de maior repercussão na vida religiosa do homem rural, dentre os quais se destaca o de António Conselheiro, no fim do século XIX, transformando o sentimento místico do nosso rurígena em movimento de rebeldia, no momento em que os sentimentos se chocaram com a mudança das instituições políticas. Foi essa a origem da luta religiosa de Canudos, dirigida por um paranoico que tinha transposto a linha divisória entre a loucura e a razão, em virtude da sua vida particular, agitada, cheia de lutas e decepções que apagaram os últimos vestígios da razão, arrastando-o para os extremos do mundo místico, fazendo-o asceta nos sertões secos da Baía, onde se localizou com seus fanáticos.

A história social desse período de transição entre a Monarquia e a República foi admiravelmente analizada e interpretada por Euclides da Cunha em *Os Sertões,* segundo os conhecimentos científicos de que dispunha.

6 — Nos sertões, as gerações se sucedem num cruzamento constante entre os mesmos elementos étnicos, modificados apenas pela introdução, em

família, de elementos de outras localidades, reproduzindo os mesmos caracteres somáticos e psíquicos que se fixam em nossas populações, modificados pelo metabolismo basal, actuando através do regime alimentício que se empobrece, acentuadamente, de uma geração para outra.

Fusionaram-se as raças e as crenças. As gerações que surgiram aprenderam dos antepassados as tradições religiosas, formando um corpo indestrutível de crendices que preside a toda a vida de nossa gente, no qual se confundem o animismo e o fetichismo do negro e do índio com os santos cristãos.

Na mentalidade do sertanejo actual, formada sob tal ambiente, não podiam deixar de transparecer, na concepção do fenómeno religioso, os princípios básicos aceitos por seus ancestrais.

Dois episódios da nossa história caracterizam o misticismo da nossa gente: Canudos e Juazeiro. No primeiro, a mentalidade bronca de um sertanejo cearense determinou um movimento armado da religião mestiça. No segundo, o clima mental preparado pelos missionários do século XIX originou o maior movimento místico do interior, tendo como centro de convergência a cidade de Juazeiro do Ceará. As populações dos Estados da Baía, Piauí, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte sentiram nos fenómenos de Juazeiro algo de extraordinário e procuraram ver de perto os acontecimentos de carácter sobrenatural que tão fortemente repercurtiram dentro e fora da região onde ocorreram.

Quando António Conselheiro oferecia resistência com seu exército de maltrapilhos, armados de chunchos, espingardas lazarinas e bacamartes antiquados, enguerrilhado nos extremos sertões secos da Baía, seus homens tiveram notícia dos acontecimentos de Juazeiro, que tomavam vulto no Cariri e se irradiavam pelos sertões vizinhos.

O espírito simples, a crença intangível dos adeptos de António Conselheiro foram factores para que se firmasse o conceito de igualdade entre os ensinamentos do Conselheiro e os do Padre Cícero, quando, em realidade, grande era a distancia entre os mesmos, pois o primeiro pregava a resistência á nova ordem e o Padre Cícero, em toda a sua vida de sacerdote, ensinava a obdiência e a humildade, dando ele mesmo o exemplo.

Coincidiram os acontecimentos de Juazeiro com a resistência de Canudos, mas a coincidência no tempo não tinha reflexo nem influência nos factos de carácter espiritual que atraíram o mundo científico da época, para examinar no local, afim de distinguir a verdade da simulação. Mereceram a atenção de sábios e teólogos os fenómenos de Juazeiro, indo terminar no Sacro Colégio de Roma o processado do que ocorrera. Tal foi a sugestão que exerceram entre as populações rurais, que as atraiam para a grande corrente mística que se formou, dentro de pouco tempo, presa aos demais movimentos místicos rurais.

A primeira manifestação dos fenómenos de Juazeiro deu-se na Semana Santa de 1889, sendo Maria de Araújo a protagonista principal. Data, de então, a consolidação do misticismo das populações rurais, apoiado nos acontecimentos da Capela de Nossa Senhora das Dores, de Juazeiro, que tinha como capelão a figura mais discutida de todo o clero brasileiro.

Na explanação sobre a situação espiritual das populações sertanejas

tivemos como objectivo fixar os aspectos fundamentais do problema místico que deveria predominar na Cidade de Juazeiro Ceará, como um dos factores principais da sua história religiosa, social e económica.

Não entraremos nas razões que originaram as controvérsias do movimento religioso de Juazeiro; descreveremos apenas os factos nas suas origens, destacando a figura principal, assinalando os traços característicos de sua vida, circunscrita ao objectivo a que se traçara. Para uns foi um místico, um iluminado; para outros, um embusteiro; e ainda há os que o julgaram um paranoico.

Qual será a verdadeira posição do Padre Cícero Romão Baptista na história religiosa do Nordeste, ante o julgamento dos seus contemporaneos? É questão a ser estudada, pois o julgamento a que o submeteram seus contemporaneos, quando vivia ainda o Patriarca Taumaturgo, teve todos os erros e excessos dos que o fizeram.

O sentido místico da Cidade de Juazeiro foi criado e desenvolvido pelos romeiros que a visitaram nos primeiros dias dos fenómenos que deram origem ás perigrinações e, quando deixou de existir o grande Patriarca, continuaram a visitar seu túmulo, criando-se em torno de sua vida a lenda da sobrevivência, principalmente no baixo e médio São Francisco, onde primeiro se arraigou a crença no Padre Cícero.

8 — Quem rompe as terras distantes da Baía, Alagoas e Pernambuco, onde a paisagem é emoldurada por serranias azul-cinzentas, com predominancia da vegetação xerófila, em transpondo a chapada do Arripe, depois de uma travessia que, muitas vezes, atinge duzentas léguas, depara-se com a natureza ressurgida na exuberancia da flora ilimitada dos canaviais que pontilham a terra com o verde gaio da sua folhagem. Em cada curva da serra ergue-se uma cidade, mais ou menos próspera, conforme sua posição topográfica facilite ou dificulte o intercambio comercial com os centros mais próximos.

Numa planície arenosa, no lado ocidental da Serra do Araripe, presa entre as suas escarpas, tendo como vizinhos Missão Velha, Crato, Barbalha e Caririaçu, levanta-se Juazeiro do Ceará, de onde se contempla, distante seis quilómetros, mais ou menos, a Serra do Horto, ligada á história da cidade pelo papel de relevo que exerceu entre os romeiros que admitiram certa semelhança entre a mesma e o Horto onde Jesus teve sua primeira agonia.

A semelhança das paisagens semiáridas, engastadas entre colinas, motivou entre os romeiros da classe cultural mais avançada a crença de que o Horto do Juazeiro seria a sede de fenómenos espirituais que abalariam o mundo, logo que fosse concluída a capela do Sagrado Coração de Jesus, iniciada mas interrompida por ordem do Sr. Bispo Diocesano, Dom Joaquim José Vieira, para evitar, justamente, que se espalhasse entre os sertanejos essa crendice.

A história da Cidade de Juazeiro do Ceará prende-se intimamente á dos sertões nordestinos, estendendo sua influência até os sertões das terras goianas e mineiras. Há pouco mais de meio século era uma humilde aldeiola, cujo nome tomara do juazeiro sempre virente e frondoso á cuja sombra descansavam os viandantes da soalheira das estradas cinzentas, cobertas

de pó, e os comboeiros repousavam com suas tropas de animais cansados das jornadas estenuantes.

Os habitantes primitivos dos sítios circunvizinhos eram representantes dos últimos indígenas domesticados, de cuja mistão com os mestiços de lusos e negros resultou uma plebe rural turbulenta, provocadora de rixas que exigiam das autoridades constantes vigílias, semelhante á que se fixou nas barrancas do São Francisco e nos recôncavos das serras do Pilão Arcado, ou na bacia do rio Pajeú.

O logarejo de Juazeiro pertencia ao Município de Crato, em cuja cidade, então cabeça de comarca do Cariri, no dia 24 de Março de 1844, nasceu um menino que na pia baptismal tomou o nome de Cícero, sendo seus pais Joaquim Romão Baptista e Joaquina Vicença Romana. A última epedemia da cólera vitimou seu pai e ele próprio foi acometido.

O jovem Cícero fez os estudos primários no Colégio de Cajazeiras, Paraíba, tendo como mestre o Padre Rolim, figura de educador que presidiu á formação de várias gerações, entre a primeira e segunda metade do século passado.

Perdendo o pai, Cícero foi obrigado a abandonar os estudos. Inicia-se, nessa fase, a vida mística do futuro Padre Cícero, com o seguinte episódio que ele repetia aos amigos mais íntimos :

"Quando dormia em sua casa, certa noite despertou com pisadas de pessoa que vinha pelo corredor. Observando, notou que seu pai se aproximava e, ao chegar na sala em que se encontrava, falando, disse: "Cícero, não abandones os estudos. Continua, que Deus mostrará e dará o jeito para prosseguires".

Ao despertar contou a sua mãe o que vira. Esta, então, resolveu assumir a direcção dos negócios da casa e prontificou-se a trabalhar para ele continuar os estudos no Seminário de Fortaleza, que se iniciaram sob os auspícios do primeiro bispo do Ceará, D. Luís António dos Santos, obtendo os recursos necessários com uma senhora da família do coronel António Luís. Iniciou os estudos em 1865 e ordenou-se em 1870.

Regressando á sua terra, preferiu a capelania do lugarejo que era Juazeiro a ser professor do Seminário onde se ordenara, tendo exercido antes, por delegação do Diocesano, funções de missionário em Trairi, por escolha do seu Bispo.

Um dos traços característicos da vida do Padre Cícero, durante o curso do Seminário, foi o grande amor á leitura, sendo considerado, por seus colegas, um grande devorador de livros, principalmente de História, em que era versado, e de Teologia.

Seu orientador espiritual foi o Padre Pedro Chevalier. Ao tempo de cursista, escreve um dos seus biógrafos: nas aulas de Teologia, vez por outra, "o singular estudante se batia com ardor por uma opinião que não era herética, porém era, incontestávelmente, ousada. E não raro discutia com o próprio professor, revelando uma vivacidade e agudeza que deixava entrever a projecção de sua mentalidade e o perigo de um futuro desvio, na hipótese de vir apaixonar-se por alguma ideologia extravagante.

"Considerado em si mesmo, aquilo bem pouco valia; mas era o início de um carácter libertário, demasiado confiante nas suas luzes pessoais e quiçá propenso á atitudes escarregadias, no entre-choque da vida cá fora.

"Houve uma memorável aula de Teologia, em que se discutia a natureza do sangue que, de longe em longe, tem aparecido na hóstia sagrada. Seria apenas um sangue miraculoso, manifestado com o fim de nos fortalecer a fé, ou seria o próprio sangue do Redentor, outra vez derramado para a salvação do mundo? Contrariamente á decisão do lente, Cícero esposou a opinião que sustentava a identidade do sangue de Jesus Cristo" (Lívio Sobral, *Padre Cícero Romão,* capítulo II, Revista do Instituto do Ceará, tomo XV, página 178, Fortaleza, 1941).

Esposar ideias avançadas em matéria de religião é meio caminho para se desligar da recta traçada pelos padres da Igreja. Embora não fosse uma atitude de rebeldia, o Padre Chevalier não quis apresentar o seminarista Cícero para o recebimento das ordens sacras, tendo assumido a responsabilidade o próprio Diocesano, que via em Cícero um padre que poderia prestar bons serviços á Igreja, informa seu biógrafo.

Sente-se, pelas informações colhidas pela tradição oral e pelos trabalhos publicados sobre o Padre Cícero, que ele sempre esteve voltado para os fenómenos sobrenaturais, sendo a aparição de seu pai a primeira manifestação. O fenómeno influiu, certamente, em seu espírito, pois sempre o repetia aos seus íntimos, bem como o sonho que teve depois de ordenado, quando ainda não era capelão de Juazeiro, onde vinha celebrar as missas dominicais. Depois desse sonho, seguiu a conduta que o orientou durante toda a vida.

A descrição do sonho referido encontra-se no citado trabalho de Lívio Sobral — *Padre Cícero Romão,* publicado na Revista do Instituto do Ceará, tomos 54, 55, 56 e 57, 1940-1943, e no livro de M. Diniz, *Mistérios de Juazeiro,* edição do autor, Juazeiro, 1935. Segundo os dois biógrafos, teria ocorrido em um noite em que vinha cansado, recolhendo-se para dormir na casa do professor Macedo, onde sempre se hospedava, casa que ainda existe em frente á matriz, fazendo antes a leitura do Breviário. Admite Lívio Sobral que talvez tivesse adormecido com o Breviário á mão.

Durante o sono do Padre sentiu que despertava com um movimento de pessoas ao lado da Igreja. Viu que estava na sala da casa onde se encontrava Jesus acompanhado dos seus Apóstolos. Eram homens de estatura elevada e todos se colocavam em torno da mesa que estava na sala, enquanto Jesus Cristo ficava por trás do Padre Cícero e diz em voz elevada: "Estou muito zangado com as ofensas que os homens me têm feito e me fazem diáriamente. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, mas se não quiserem se corrigir, acabarei o mundo. E, quanto a ti, — disse referindo-se ao Padre Cícero — toma conta deste". O padre observou que estavam na sala sertanejos mal vestidos, descalços muitos. E' a versão de M. Diniz, livro citado, página 10.

A descrição do sonho por Lívio Sobral é mais circunstanciada. A cena em que Jesus Cristo indica o povo ao Padre, dizendo que tomasse conta do mesmo, foi assim narrada:

" — Você, Cícero, está vendo aquela gente?"

O eclesiástico abriu os olhos e, com surpresa, avistou uma massa compacta de pessoas, na maior parte desconhecidas, que enchiam a rua e olhavam curiosas o interior da habitação.

" — Tome conta deste pobre povo (rematou Jesus Cristo) e fique aqui cuidando da sua salvação.

"Em obediência a semelhante imperativo, poucos meses depois ia o futuro patriarca residir definitivamente em Juazeiro, provisionado em capelão do lugarejo" (Lívio Sobral, *Padre Cícero Romão,* Revista do Instituto do Ceará, página 177, tomo 45, 1941, Fortaleza).

Teria sido o sonho responsável pela decisão de permanecer em Juazeiro mesmo depois do resultado do processo a que se submteu e da decisão do Sacro Colégio de Roma, manifestando-se contra os fenómenos de que Maria de Araújo foi a protagonista? E' uma pergunta que tem resposta afirmativa, ante a persistência com que reagiu ás ordens dos superiores hierárquicos, apesar de prestar obediência ao seu Diocesano, afirmando continuar a ter como chefe espiritual o Papa.

9 — Da conduta do Padre Cícero, de 1870 a 1890, resultou toda a história da Cidade de Juazeiro, todo o misticismo dos seus primeiros dias, continuando durante sua existência e depois de sua morte, em 1935.

De 1872 a 1890, a vida do Padre Cícero em Juazeiro foi toda dedicada aos deveres da sua capelania, voltado, inteiramente, para a tarefa divina, passando 15 horas seguidas no confessionário. Os seus conselhos, a actuação que exerceu sobre os indivíduos, aproximando inimigos, harmonizando casais, influiram de maneira impressionante sobre as populações rurais, que passaram a consultá-lo sobre seus negócios particulares. Em Juazeiro, desde que se instalou, combateu o vício, implantou a devoção a Mãe de Deus, a obrigatoriedade do Rosário diáriamente. Com seu bastão de pastor comparecia ás reuniões, dispersava os ajuntamentos, acavaba os sambas. Sua presença era o sinal da ordem. Todos obedeciam e, raras vezes, usava do bastão para impor sua autoridade de pastor de um rebanho truculento que, facilmente, se submetia á sua orientação.

Vivendo uma vida de asceta, quando podia ter uma vida descansada, sem grandes preocupações, o Padre Cícero se impôs perante a pequena sociedade de Juazeiro que contava, então, menos de meio cento de casas, das quais a maioria era de palha.

Instalado em Juazeiro, interessou-se pela educação do povo, criou escolas primárias que confiou á direção de senhoras da sociedade local. Ele próprio ensinou português, latim, música vocal, aritmética, contribuindo com os recursos de que dispunha para melhorar a pequena sociedade em que vivia.

A sua vida de trabalho, de pobreza absoluta, de jejuns continuados, sem aceitar dinheiro em paga dos seus actos religiosos, despertou não só a atenção da população que o respeitava e estimava mas, igualmente, a dos vigários das freguesias vizinhas e dos Estados limítrofes, que viam no capelão de Juazeiro um sacerdote que realizava a sua missão, dedicado, exclusivamente, ao serviço de Deus. Não foram poucos os padres de outras paróquias que sentiram a influência do Padre Cícero, mediante a qual se corrigiram dos vícios, então comuns entre os vigários distanciados do seu Diocesano.

É fora de dúvida que o sentimento espiritual do capelão de Juazeiro foi influenciado, grandemente, pelos sonhos referidos, sendo ainda acen-

tuada a sua tendência para os fenómenos dessa natureza, revelada em mais de uma ocasião. Contavam os seus colegas de curso que o seminarista Cícero lia os letreiros dos navios no porto, estando no Seminário, qualidade que despertava a admiração e estranheza, sabendo-se que do Seminário ao ponto de ancoramento dos navios há uma distancia superior a três quilómetros, no mínimo, que a visão normal não pode atingir. Outro facto interessante contado por Lívio Sobral é o que se refere aos banhos de mar, em que os cursistas do Seminário, como diversão natural, procuravam saber quem resistia maior tempo em um mergulho. Todos deram o seu orgulho, permanecendo mais ou menos tempo, conforme a capacidade de resistência de cada um; mas Ccero permaneceu um tempo extraordinário; os seus colegas já estavam alarmados com a sua eusência, dispostos a aceitá-lo como desaparecido nas águas, quando ele surge na superfície das ondas, acalmando os que se encontravam aflitos.

Esses aspectos da vida do Padre Cícero são dignos de registo, quando se procura investigar as causas da sua influência entre as populações sertanejas, sendo traço predominante da sua personalidade o grande poder de vontade, capacidade de argumentar convincente, que destruía todas as objecções que lhe eram apresentadas.

Como sacerdote, o Padre Cícero foi fiel ao voto de castidade, conforme regista em seu testamento e todos os que o conheceram o atestam. Conquistou a confiança do homem rural pela simplicidade das suas atitudes, pela convicção e sinceridade com que pregou a palavra da Igreja de que, dizia sempre, nunca se afastou e a cujo chefe rendia obediência. Instituiu em Juazeiro e sertões do Nordeste a prática obrigatória do Rosário da Mãe de Deus diáriamente, no trabalho, nas viagens, na hora do descanso. O culto a Nossa Senhora tornou-se objecto de suas práticas no púlpito, desde que chegou em Juazeiro.

O Padre Cícero era orador fluente, tinha grande cultura histórica e teológica. Quando estudante passava as noites na biblioteca do Seminário, *devorando livros*. Acumulou nesse período os conhecimentos que revelava, sempre que pessoas estranhas á vida de Juazeiro o visitavam; daí o renome de homem culto. Era senhor de uma memória notável, que lhe permitiu guardar os acontecimentos, por mínimos que fossem, da vida regional e do Estado, além de ser um grande conhecedor do seu povo, cujos sentimentos compreendia e interpretava com sabedoria; tendo conhecimento das lutas regionais, contribuiu, em muitos casos, para a solução de questões que tinham custado antes o sacrifício de vidas humanas.

Os fenómenos de Juazeiro, de profunda repercussão entre as populações sertanejas e centros litoraneos, encontraram no Padre Cícero um espírito preparado para as grandes divergências dessa ordem, manifestado, pela primeira vez, quando discutiu com o professor de Teologia, no Seminário, sobre a natureza do sangue de Jesus Cristo, aparecido na Hóstia, conforme registamos em página anterior. Foi uma atitude de carácter interpretativo que exerceu influência preponderante na sua vida. Tinha ainda o Padre Cícero como cousa definitiva que estava cumprindo uma missão recebida do próprio Jesus Cristo, conforme o sonho reconstituído em outro local deste trabalho. Sua vida foi toda vivida entre os

fenómenos místicos, desde seu primeiro sonho com o progenitor, que decidiu a sorte dos seus estudos para a vida eclesiástica.

Ordenou-se pensando em cumprir uma missão evangélica; daí o ardor com que se entregou aos misteres divinos, desde que chegou a Juazeiro, tendo recusado a vigararia geral do Bispado do Ceará, que era uma situação destacada no clero.

A vida do Padre Cícero, depois de 1890, passou a representar a vida das populações que o tinham como um modelo de virtudes evangélicas, atraindo para o grémio dos seus adeptos todos os sertanejos, sem distinção de classe, como comprova o facto de, em 1892, atrair para a Semana Santa realizada naquele ano, em Juazeiro, uma grande caravana do Piuaí, tendo á frente o próprio chefe político local de Picos. A sua influência se fez sentir sobre todos os homens, de modo preponderante, em toda a vida regional.

10 — Como se manifestaram os fenómenos que deram tanto trabalho ao seu Diocesano, D. Joaquim José Vieira, e aos seus substitutos? Dom Joaquim foi um dos bispos mais estimados do Ceará e procurou, por todos os meios, impedir a propagação dos fenómenos de Juazeiro, entre as populações rurais.

O capelão de Juazeiro tinha vocação para as grandes empresas. Quis mesmo ir para o Oriente, defender e pregar a Fé em Cristo, mas a preocupação do sonho em que o próprio Jesus Cristo o designara para salvar aquela gente dos sertões nunca o abandonou. Foi nesse sonho que o próprio Jesus o instituiu pastor daquele rebanho que cresceu extraordináriamente e a que ele se ligou, não o abandonando nunca, apesar de prestar e jurar obediência ás decisões de Roma e ao seu Diocesano, conservando-se á frente do seu povo até o último momento, pois pensava que não podia deixá-lo, ante á investidura recebida.

A história mística da cidade de Juazeiro é a própria história mística do Padre Cícero. Os factos principais de sua vida serviram para justificar o desenvolvimento do misticismo das populações que o reconheciam como um quase Deus, tendo a sua palavra mais força do que a do Diocesano.

Lívio Sobral, um dos seus biógrafos que estudou a questão do Juazeiro sem tomar partido, contemporaneo de muitos acontecimentos de carácter religioso e político, ocorridos em Juazeiro, classifica o Padre Cícero entre os grandes místicos e os grandes fanáticos, colocando-o lado a lado do Cura d'Ars, Vicente de Paulo, Francisco de Sales, Eutico e Savanarola e, no extremo das concepões místicas, ao lado de António Conselheiro.

Esclarecendo cada uma das qualidades que o Patriarca de Juazeiro possuía das figuras respeitáveis da Igreja e das que se rebelaram contra a ordem estabelecida pelas autoridades religiosas, escreve Lívio Sobral:

"Do Cura d'Ars ele tinha, igualmente, um zelo de pai extremoso e esclarecido, sem mancha e sem excepção, pela pureza e preservação das donzelas, a começar pelas de obscuras condições. E com prudência, com recato e solicitude verdadeiramente apostólica, o Padre Cívico exercia o sagrado ministério na direcção das consciências.

"Conhecedor do bem que se operava em Juazeiro, o primeiro Bispo

do Ceará, mais tarde arcebispo da Baía, não hesitou em conceder-lhe, apesar de simples capelão, plenos poderes para operar revalidações matrimoniais. etc. faculdades que só costumam ser conferidas aos missionários.

"De Francisco de Sales teve, até a morte, duas das principais características: a mansidão e a pureza" (Revista do Instituto do Ceará, tomo LVI, página 111, — 1942).

De Vicente de Paulo possuía a paciência e a mansidão, voltado sempre para a prática da caridade.

Dos três grandes luminares da igreja católica o Padre Cícero possuía as virtudes que os destacam entre os santos da Igreja. Lívio Sobral, comparando-o com Eutico, escreve que "possuía a temeridade de sustentar, sem vascilação, uma opinião teológica indiscutivelmente arriscada e havida por todos como ortodoxa. E, a despeito do clamor suscitado em torno dele, por bispos e teólogos respeitáveis, persistiu no apego á sua tese, convencido da justiça da sua causa. Contrariamente ao monje oriental, manteve-se, todavia, em respeitoso silêncio e protestou sempre sua incondicional obediência ao Papa, falando *ex-catedra,* e para o qual apelara, afirmando depor nas mãos do mesmo o seu individualismo eclesiástico".

"De António Conselheiro herdou o messianismo restaurador; enquanto este suspirava pela volta da monarquia, vendo na república o dedo do anticristo, o Padre era fascinado pela ideia de uma nova redenção da sociedade humana, mediante sacrifícios sanguinolentos da Eucaristia, no seu Juazeiro.

"De Savanarola herdou a coragem das próprias convicções; o empenho de reeditar no Brasil o fervor e a pureza da Igreja primitiva; o desejo ardente do martírio; a simplicidade da pregação; herdou ainda os pendores políticos, tendo em mira a salvaguarda do seu povo" (Revista citada, página 114).

A transcrição do trecho de Lívio Sobral justifica o sentido místico de Padre Cícero que deu origem aos fenómenos de Juazeiro, observado pela primeira vez em 6 de Março de 1889, numa Sexta Feira Santa, "quando o Padre Cícero distribuía a Hóstia Sagrada a diversas pessoas, inclusive a beata Maria de Araújo, a qual não pôde engulir a partícula que recebera, porque esta se transformara em sangue" (M. Diniz, *Mistérios de Juazeiro*, página 8, 1935).

A histórica mística de Juazeiro apresenta suas características fundamentais nos fenómenos de que foi parte integrante a beata Maria de Araújo, sendo interessante observar-se que, decorridos mais de trinta anos dos acontecimentos, ele mantinha a convicção do que sustentara na divergência que teve com o professor de Teologia, quando cursista. Informa o autor de *Mistérios de Juazeiro,* (página 9) que, em 1912, em conversa com o Padre Cícero, aventou a hipótese de ser o sangue originário do estado doentio da beata Maria de Araújo, ao que o padre respondeu: "Não". E calou-se. Explica-se, assim, a atitude que assumiu, durante 45 anos. Silencioso pelo respeito devido ao Papa, firme, porém, em suas convicções.

As consequências dos acontecimentos de Juazeiro tiveram repercussão nos meios cultos da região, determinando, por parte do Bispo Diocesano,

D. Joaquim José Vieira, a abertura de rigoroso inquérito, de que resultou a condenação do que, então, se chamou *milagres de Juazeiro.*

A transformação da Hóstia Consagrada em sangue, quando a beata Maria de Arújo recebia a comunhão, foi o motivo dos acontecimentos que deram a Juazeiro um destaque extraordinário entre as populações rurais que convergiram para aquela localidade, na ansia de conhecerem os milagres, ingressando muitos para as organizações religiosas, surgidas no momento, principalmente as mulheres que *tomaram o manto de beata,* dado pelo Padre, a semelhança do que fizeram os missionários. O beatismo é uma instituição originária dos sertões, criada pelos movimentos místicos. A mulher que recebe o manto de beata não assume nenhum compromisso com a Igreja, tem liberdade de abandoná-lo, quando quiser, o que muitas fizeram, mas, enquanto se conservar como beata, não casa, usa permanentemente vestes pretas, com um manto de igual cor, cobrindo a cabeça e um peitoral branco. Durante as missões de Frei Ibiapina desenvolveu-se muito a instituição, principalmente com a fundação das *Casas de Caridade,* criadas pelo piedoso frei Ibiapina e dirigidas pelas beatas.

O Padre Cícero, no ardor do seu entusiasmo pelos fenómenos, "pregava cheio de sinceridade e convicção, como se recebesse e estivesse a transmitir alguma perfeita revelação profética, ou sibilina. Foi o bastante para começarem a se multiplicar as casas, os casebres e ranchos de romeiros que vinham se salvar, ao lado do Padre, a quem por respeito, exploração e adulação, chamaram, desde logo, *Padim Ciço",* escreve M. Diniz no seu livro citado, página 9. Os primeiros tempos de Juazeiro, após os fenómenos referidos, correspondem a um período de fuga da realidade espiritual das populações sertanejas que vinham de uma luta religiosa, maior ainda, como a de António Conselheiro, no centro dos sertões baianos, que concentrou em Canudos as energias místicas das três raças que constituem o homem rural.

Cessado o fogo da luta de quatro anos, convergiram todos os que, derrotados, esperavam a salvação em Juazeiro. Foi o período da formação mística da Cidade do Padre Cícero.

11 — A história simples, sem comentários, dos fenómenos que deram destaque á pequena povoação de Juazeiro, é a história de todos os santuários populares que cresceram com as bênçãos da Igreja, ou se desenvolveram sem a condenação da Igreja, como aconteceu com o pequeno povoado de que era capelão o Padre Cícero.

O início dos acontecimentos data de 6 de Março de 1889, mas só decorridos 4 anos é que as autoridades religiosas tomaram as providências que os factos exigiam.

Espírito tolerante, pastor dedicado de seu rebanho, D. Joaquim José Vieira esperou que os acontecimentos passassem sem deixar grande impressão nas massas humanas atraídas pelos mesmos. Acontece, porém, que o sertanejo estava trabalhado para o evento de factos semelhantes e os fenômenois de Juazeiro vieram exercer grande influência entre os homens de todas as classes.

Do inquérito realizado resultou a condenação pelo Diocesano dos pseudos milagres, do que houve apelação para a Santa Sé, pronunciando-se a Suprema Congregação da Santa Inquisição Romana Universal contra os

falsos milagres. Assim se exprimiu D. Joaqim José Vieira em sua Carta Pastoral de 25 de Julho de 1894, onde se lê que "o Revd. Padre Cícero e os três que o têm acompanhado n'esta história, são de costumes puros, de um passado sem mancha, inteiramente desprendidos dos bens deste mundo, estimáveis por seus elevados sentimentos, e incapazes de qualquer acção menos nobre; não são directamente responsáveis pelas miseráveis expculações que se hão feito; e não teriam praticado qualquer desacerto ou excesso se não houvessem se entregado á discreção de mal inspirado paredro que, explorando-lhes a excessiva susceptibilidade, os enveredou por tertuosos caminhos" (do livro *D. Joaquim José Vieira,* do Monsenhor José Quinderé, página 21. Editora do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1948).

Outras Pastorais escreveu D. Joaquim José Vieira, em 1897 e 1899, condenando os acontecimentos de Juazeiro, mas não conseguiu destruir a onda mística que se derramou por todo o interior do Estado e do Nordeste. Não eram apenas os fenômenos em que Maria de Araújo tomara parte e nos quais o Padre Cícero acreditou, certamente apoiado naquela divergência que teve na aula de Teologia, sôbre o aparecimento do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, no acto da Comunhão; outros factores contribuiram para que tão rápidamente se irradiassem pelos sertões os fenómenos tidos como milagres, entre os quais avulta a preparação de quase meio século, se não mais, por que passaram os sertanejos, ao ouvir as prédicas dos missionários, ao visitarem os grandes Santuários de Senhor do Bom Jesus da Lapa e de Matozinho de Coongonha dos Campos, ao tomarem parte nas aparições milagrosas, viajando centenas de léguas para sentir, pessoalmente, os fenómenos sobrenaturais.

Na Pastoral de 1897, em que publica a *decisão dada pela Santa Inquição Romana Universal no recurso interposto pelo Rvd. Cícero Romão Baptista e seus fautores na causa de Juazeiro,* encontra-se um trecho que comprova o que escrevemos no início do presente trabalho sobre o misticismo das populações sertanejas, que transcrevemos :

"Corre por muitas mãos um livro intitulado — Mística Cidade de Deus. Este livro, atribuído á venerável Maria de Jesus Agreda, cuja matéria é muito contestável, pois só foi publicada depois de sua morte, e sem observancia das leis da Igreja a tal respeito, contém alguns bons conselhos espirituais, mas no que toca ás revelações é inçado de proposições erróneas — umas temerárias, mal soantes e quiméricas outras, e mesmo indignas da majestade de Deus e da Santíssima Virgem Imaculada. Este livro, enfim, foi condenado em 1681 pelo Sumo Pontífice de s. memória, Inocêncio XI. O Rev. clero não deve, pois, permitir semelhante leitura, não obstante qualquer aprovação alegada" (página 6 Fortaleza, Tip. Universal, 1897). Na página seguinte condena a divulgação de orações e ladainhas que não sejam aprovadas pelas autoridades religiosas, de acordo com a constituição apostólica *De Prohibitiem et censura librorum,* de S. S. Leão XIII.

, O fim do século XIX derramava o que havia sido acumulado pelos missionários, pregadores, movidos pelo zelo apostólico, que não compreenderam a alma do sertanejo trabalhado por dois séculos de lutas com a natureza hostil, sem assistência, abandonado no quase deserto que eram os sertões. O homem daqueles tempos, como o de hoje, espera uma palavra

de estímulo que o reanime. Esta palavra foi a da Fé, pregada pelos missionários. O rurícula educado na conformação, via em tudo o peso dos seus erros contra a divindade.

A leitura das *Missões Abreviadas* e da *Mística Cidade de Deus* criou ao lado das pregações missionárias, em que os crimes contra Deus eram descritos materialmente, para melhor impressionar os ouvintes, um profundo misticismo que se continuaria nas gerações futuras. Foram estas as razões que favoreceram a propagação dos fenómenos de Juazeiro, apesar da campanha feita pelo bispo do Ceará e seus vigários.

Na Pastoral de 26 de Dezembro de 1898, de D. Joaquim José Vieira, em que publica o Decreto do Santo Ofício, condenatório, pela terceira vez das sacrílegas fraudes e superstições de Juazeiro, vem, igualmente, a carta do Padre Cícero em que se submete ás determinações da Igreja.

Foi longa a luta entre o Diocesano e os responsáveis pelos falsos milagres de Juazeiro, solene pelo acatamento das determinações do Tribunal da Inquisição que defendia a doutrina da Igreja. Ficaram, porém, no campo da divergência — de um lado, os partidários dos fenómenos, julgando os milagres verdadeiros, tendo como chefe o Padre Cícero, e do outro lado, o venerável Bispo do Ceará que combateu a heresia em formação.

O Padre Cícero continuou em Juazeiro, apesar da condenação dos pseudos milagres, da suspensão de ordens que lhe foi imposta, suspensão esta que depois foi retirada, permitindo ao Padre tivesse um oratório em casa; como dependia, porém, da licença do Bispo e nunca obteve, ficou sem celebrar. A permanência do Padre Cícero em Juazeiro foi motivo de uma luta que durou toda sua vida, mas, mesmo ameaçado de excomunhão, ele não abandonou o seu povo. Para o pequeno lugarejo que cresceu assombrosamente convergiram em massa os habitantes do baixo e médio São Francisco.

12 — As populações do São Francisco, trabalhadas por superstições africanas e indígenas, vivendo a fase de sincretismo religioso, em que as crenças se misturaram na prática do fetichismo, foram as que contribuiram para dar maior vulto aos factos de que resultou a formação da Iidade de Juazeiro nas bases místicas em que se desenvolveu. Fanáticas, crendo mais nos factos materiais do que nos espirituais, desde que se manifestaram os fenómenos de que foi protagonistas Maria de Araújo, procuraram ver de perto o que se passava de extraordinário naquele povoado distante.

Num livro publicado em 1907 — *O Baixo S. Francisco, o Rio e o Vale,* (Pnedo, Alagoas, tip. de Carvalho Filho) Moreno Brandão, registando o deslocamento da população da região, escreve que "se nenhum dos grandes acontecimentos nacionais teve grande repercussão entre os moraodres do baixo São Francisco, os milagres do Padre Cícero Romão Baptista e a Campanha de Canudos preocuparam fortemente as populações ribeirinhas, dentre as quais muitos indivíduos procuraram os sertões do Ceará ou da Baía para ficar no acontecimentos maravilhosos que lhes exaltavam as imaginações" (página 72). Passou a constituir uma obrigação dos habitantes daquela região e dos sertões mais distantes vir a Juazeiro anual-

mente, para visitar o Padre, deixar seu óbulo e pedir conselhos e orientação para seus negócios.

A fama de taumaturgo, de que o patriarca do Nordeste gozava, originou-se da grande força moral que tinha sobre seus admiradores, fazendo sentir sua influência sobre aqueles que, sob a ação de doenças nervosas, o procuravam, voltando curados para sua terra.

Por mais de uma vez encontramos caravanas que vinham de grandes distancias, conduzindo enfermos para receber a bênção do Padre, na crença de, assim, curá-los. De Goiás encontramos, na chapada do Araripe, um grupo de mais de dez pessoas, conduzindo um doente. Iam consultar o Padre, certos que voltariam com o ente querido curado.

As romarias anuais atraem milhares de pessoas, notadamente nas festas da padroeira de Juazeiro, Nossa Senhora das Dores. Não foram poucos os homens de negócio, ricos proprietários das Alagoas e outros Estados que se fixaram definitivamente em Juazeiro, para estar em contacto com o Padre e receber, diáriamente, sua bênção ás 19 horas, quando ele aparecia na janela de sua residência, fazia a prática habitual, aconselhava o povo a continuar rezando o rosário da Mãe de Deus, atendia ás consultas que lhe faziam, ensinava os remédios que julgava aplicáveis em cada caso, sempre tirados da flora regional, do que era conhecedor.

Formou-se, assim, um círculo lendário em torno do Padre Cícero e do Juazeiro. Cresceu a população aplicada ao pequeno comércio e á pequena indústria que ainda constitui um dos aspectos mais interessantes da actual Cidade de mais de 50 mil habitantes.

Nos primeiros tempos da história mística da Cidade, o Padre Cicero iniciou a construção de um templo, cuja planta trouxe de Roma, em uma das suas viajens, quando foi defender-se perante o Tribunal da Inquisição. Os alicerces e paredões do mesmo foram levantados na serra do Horto. Seria o maior templo dos sertões do nordeste, se tivesse sido concluído. Os Salesianos destruiram o que estava feito, para aproveitar o material.

No seu testamento o Padre Cícero refere-se ao templo dedicado ao Coração de Jesus, na clausula primeira, deixando uma súplica aos Padres Salesianos, para cuja ordem ficaram seus bens :

"Devo dizer para evitar conceitos inverídicos e suspeitas em torno do meu nome que comecei a construí-la (capela do Horto) para cumprir um voto que eu e os meus falecidos colegas e amigos Padres Manuel Felix de Moura, Francisco Rodrigues Monteiro e António Fernandes Távora, então vigário de Crato, fizemos quando, apavorados com os resultados da seca de mil oito centos e oitenta e nove (1889), receiosos, aliás, com razão justificada, que o ano de mil oito centos e noventa (1890), fosse também seco, com o povo dessa terra ao Santíssimo Coração de Jesus.

"E, como essa obra, não pude terminar, muito a contragosto, é verdade, tão sómente para não desobedecer ás ordens proibitórias do meu Diocesano, o então Bispo Dom Joaquim José Vieira, peço aos beneméritos Padres Salesianos que concluam esse templo, de acordo com a planta que trouxe de Roma, e a miniatura em folhas de Flandres que deixo depositado em lugar seguro". (transcrito em *Mistérios do Juazeiro,* de M. Diniz,

página 185). Os Padres Salesianos preferiram, porém, destruir os alicerces e paredões existentes.

A Serra do Horto é lugar de visita obrigatória do romeiro que encontra alí alguma semelhança com a paisagem da Terra Santa. A capela, se fosse concluída, seria uma reprodução da capela do Santo Sepulcro, na concepção mística das populações rurais. A proibição diocesana visou impedir a propagação das romarias, vindo o templo a ser a sede religiosa da nova heresia. Não conseguiu, porém, impedir que se desenvolvessem as romarias a Juazeiro e a veneração ao Padre Cícero.

15 — Entre 1890 e 1913, decorrido quase um quarto de século, Juazeiro de simples povoado passou á categoria de Município. Sua população cresceu. O prestígio do Padre estendeu-se aos sertões do Nordeste. Seus adeptos obedeciam á sua palavra. Suas sugestões tinham força de ordem. Ocorreram, então, factos de ordem política que vieram ainda mais prestigiar o Padre. Os acontecimentos políticos resultantes da coligação de alguns Estados do Nordeste, Pernambuco e Ceará á frente, criaram uma situação delicada, principalmente neste último, onde a deposição do governo do Comendador Acióli determinou uma contra revolução iniciada em Juazeiro, chefiada pelo Dr. Floro Bartolomeu da Costa, que entrou triunfante em Fortaleza, depois de três meses de lutas.

Os homens armados que fizeram a contra revolução de 1914, no Ceará, eram de Juazeiro. Defendiam, diziam eles, a sua cidade, porque os soldados de Franco Rabelo queriam destruí-la. Mudaram a ordem política, mas não mudaram a situação religiosa da região. Os romeiros continuaram a visitar Joaseiro, não houve solução de continuidade. A luta política não influiu na vida mística das populações rurais.

Todos os que se ocuparam da personalidade do Dr. Floro viam no médico baíano um pequeno ditador que governava o Padre, dirigia sua vontade, controlava a política regional e, tempos depois, a de todo o Estado. As eleições atraíam eleitores dos Estados mais distantes. Romeiros da Baía, Alagoas e Pernambuco vinham votar em Juazeiro. Estivemos em Ouricuri, em 1922, com uma caravana de romeiros que iam votar na cidade do Padre Cícero. Interpelamos por que deixavam a localidade onde eram residentes, para votar em Juazeiro, pertencente a outro Estado. Responderam que eram eleitores de meu *Padim Ciço,* por isso iam votar em Juazeiro, sede da política religiosa do Nordeste.

A luta política regional era forte, naqueles tempos anteriores á Revolução de 30, e continuou mais forte durante a Ditadura de 15 anos. Não podiam os elementos dirigentes dispensar a cooperação que os romeiros traziam para Juazeiro. Com a aquiescência do Padre, ou sem ela, votavam no partido a que pertencia o Dr. Floro, que possuía, para esse objetivo, cabos eleitorais que organizavam as caravanas de outros Estados e os romeiros atendiam porque sabiam que serviam a uma pessoa do Padre Cícero. Juazeiro era, então, o maior colégio eleitoral do Estado.

Os dirigentes de Juazeiro aproveitaram o prestígio do sacerdote para galgar as posições políticas, mas não se esqueceram, igualmente, de trabalhar pelo progresso urbano calçando a cidade, abrindo novas ruas, transformando, totalmente, a paisagem local. Dentre todos os trabalhos realizados,

destaca-se, em Juazeiro, a Praça Alexandrino de Alencar, com a coluna da Hora e a estátua do Padre Cícero em tamanho natural, homenagem prestada em 1924, atraindo romeiros de todos os pontos do Nordeste, a que compareceu o mundo oficial do Ceará.

Admitindo-se que a influência do Padre Cícero nos negócios políticos do Estado reflecte seu ideal redentorista, visando ao bem público, a felicidade do seu povo,não se pode negar que muito realizou em benefício da colectividade, dentro dos princípios cristãos que ele esposou.

A parte combatida por seus adversários consistiu sempre na questão dos donativos que ele recebia, para ser empregado no que lhe conviesse e na participação das lutas políticas. No testamento que deixou esclarece a situação desses bens, que ficaram para a Ordem dos Salesianos, estabelecendo, porém, a obrigação de fundar institutos de ensino profissional e geral para a educação do povo do Cariri, bem como a sua posição nas referidas lutas. A leitura desse documento revela o pensamento do Padre sob vários aspectos dos factos em que esteve envolvido.

As duas primeiras décadas da permanência do Padre Cícero no Juazeiro, 1872 a 1892, constituem o período em que trabalhou muito, preparando o material humano para a grande obra social que ele desejava realizar, certo de que, assim fazendo, cumpria a vontade de Jesus Cristo expressa em sonho. Foi um trabalho espiritual que repercutiu na Diocese, criando uma aureola de simpatia, não só entre seus colegas de sacerdócio mas, igualmente, do Diocesano.

Os acontecimentos registados em 6 de Março de 1889 foram o sinal do rebate, para ele ficar atento, esperando a oportunidade para apresentar ao mundo os factos extraordinários que se desenrolaram em sua capelania. Estes vieram, mas a vigilancia do pastor da Igreja Cearense tomou a atitude que sua responsabilidade ditava. Procurou afastar o Padre e seus adeptos da heresia que surgia. Vencido, o Padre retratou-se, jurou obediência ao chefe da Igreja e ao seu Diocesano, mas continuou fiel ao seu pensamento primitivo, quando dava a comunhão a Maria de Araújo.

Criava-se, assim, em Juazeiro, o ciclo místico que devia se desenvolver em todo o Nordeste, atraindo as populações rurais, desde Goiás até o Rio Grande do Norte, sendo a área de maior influência e onde repercutiu com mais intensidade, a bacia do São Francisco, pelos motivos referidos em páginas anteriores.

Juazeiro do Padre Cícero deve seu crescimento demográfico ás romarias. Anualmente vinham e voltavam caravanas e caravanas de romeiros; muitos, porém, ficavm no teatro onde se passaram os fenómenos que tão intensamente impressionaram o sertanejo. Na terra dos milagres ocupavam-se em actividades diversas, desde a pequena agricultura até a pequena indústria doméstica que iniciaram com mais intensidade depois de 1941, constituindo, hoje, um dos aspectos mais interessantes da cidade de Juazeiro.

16 — A história da Cidade de Juazeiro pode ser dividida em quatro períodos: de 1872 a 1892, decénios em que o Padre Cícero, voltado esclusivamente para a conquista espiritual, se dedicou com entusiasmo de missionário á pregação da doutrina da Igreja, revelando-se um modelo

evangélico, pela pureza dos princípios, pela simplicidade com que falava ao homem rural, não recebendo dinheiro, vivendo pobremente. Nesta fase seu nome surge nos sertões como uma esperança para as populações rurais.

O segundo período começa depois de 1892 e se estende até 1912. Inicia-se com a manifestação pública dos fenómenos tidos como miraculosos, que influiram, definitivamente, no animo do Padre Cícero, criando a mística da Cidade. Não foi o Padre quem divulgou os acontecimentos iniciados em 6 de Março de 1889, mas os sacerdotes seus amigos e os médicos que fizeram os exames. A resolução do Sacro Colégio absolvendo o Padre Cícero e condenando os milagres contribuiu para fortalecer o sentimento religioso e manter a confiança que todos tinham nas suas palavras, e fé nas suas afirmações.

Juazeiro transformou-se em cidade sagrada dos sertões. O romeiro que visita o seu Santuário de Nossa Senhora das Dores vai, igualmente. ao Horto, onde foi iniciada a construção da Capela sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus, e de lá tras as folhas das árvores, as raízes e seixos rolados, atribuindo a esses objectos qualidades curativas.

Crescendo em função do misticismo religioso, vieram para Juazeiro elementos de todas as classes, que encontravam na pessoa do Padre Cícero um amigo e um protector. Era princípio evengélico do Padre não denunciar, não acusar. A sua missão. dizia, era perdoar, aconselhar, trazer para o bom caminho a ovelha transviada. Resolvia todas as consultas que lhe faziam, aconselhando a resolver pacificamente as questões pessoais e conseguindo, assim, harmonizar famílias e grupos adversários.

Muitos se fixaram em Juazeiro, sob a garantia da excessiva bondade do Padre. Houve crimes, abusaram da bondade do seu coração, exploraram em seu nome. Quando acontecia chegarem ao seu conhecimento factos que depunham contra a moral e os bons costumes, nunca deixou de tomar providências energicas.

O terceiro período, de 1912 a 1930, é o em que as actividades políticas passaram a fazer parte da vida de Juazeiro. A luta armada em que se empenharam os partidos em 1914 terminou com a vitória dos homens de Juazeiro que passaram, desde então, a influir, poderosamente, na máquina política do Estado, sendo o Padre Cícero eleito vice-presidente no período imediato á revolução.

O Dr. Floro Bartolomeu da Costa passa a dirigir a política regional, intervindo em todos os casos locais. A cidade cresceu extraordináriamente, em função dos próprios acontecimentos políticos. O Juizado Municipal foi levado á categoria de Comarca. Cresceu entre 1914 e 1920 o movimento de cangaceirismo. Muitos foram os crimes praticados, assaltos a cidades, como Matinha d'água Branca, em Alagôas, incêndios de propriedades, toda uma série de actos criminosos, oriundos de velhas lutas de famílias ligadas á política, em todo o interior nordestino. O Padre Cícero e a política do Dr. Floro foram acusados como responsáveis pelos acontecimentos registados. Não podia o Padre Cícero responder pessoalmente por atitudes de inimigos rancorosos como são os grupos que se destroem nos sertões. Não podia o Dr. Floro responder pela presença de chefes de grupos políticos armados em Juazeiro. Eram factos que caracterizavam uma

época. Os próprios governos estaduais que se mantinham com a cooperação dos grupos políticos armados de cangaceiros, não tinham elementos para combatê-los, como verificamos mais de uma vez, no período de 1920 a 1928. Em 1927 ocorreu um facto interessante nos sertões nordestinos. Um chefe de Estado, enquanto conferenciava com um chefe de cangaço em sua fazenda, telefonava para a cidade mais próxima, informando que o cangaceiro estava a caminho da cidade com o objectivo de atacá-la. O chefe de Estado era João Suassuna e o cangaceiro, Chico Pereira.

Era uma época, rude, áspera, negra, mas que se justificava como uma consequência da falta de educação política dos homens para os altos cargos da administração.

Como podia o Patriarca de Juazeiro responder por factos que os próprios chefes de Estado não tinham força moral para combater?

No período de 1922 a 1926, as ruas de Juazeiro foram calçadas, em grande parte. Novos mercados foram construídos. A Rêde de Viação Cearense chegou com os seus trilhos até Juazeiro. Foi o apogeu da Cidade, que conservava sempre o sentido místico. Os penitentes, os beatos, as casas de santos imprimiam á Cidade um traço característico, não influiam para dotar seu desenvolvimento mas transmitiam uma nota marcante que se destacava á mais rápida observação de quantos a visitavam.

Não respondia o Padre, nem podia responder, pelos excessos praticados na Cidade ou nos sertões mais distantes, pelos que evocavam o seu nome ou se diziam obedientes á sua palavra. Falar sôbre os que constituíam seu secretariado particular, seria repetir aspectos muitas vezes comentados, sem consequências para a vida da Cidade pois, mesmo com a influência negativa que exerceram, não impediram que a Cidade crescesse, criasse uma vida económica que, actualmente, avulta entre os grandes centros comerciais do Nordeste.

Entre 1912 e 1930 grandes foram as transformações por que passou o interior nordestino. Surtos sucessivos de banditismo agitaram as populações. Famílias inteiras se destruiram em lutas desastradas, inconsequêntes por mínimas questões. Apareceram nesse período os grupos de cangaceiros chefiados por homens desgarrados da família, mas que representavam o princípio vingador, como Senhor Pereira e Lulu Padre, no Pajeú, Pernambuco. A essa fase segue-se a decomposição dos tradicionais costumes do homem em luta por questões de honra de família, surgindo, então, o cangaceirismo profissional. Como ondas que se derramam, se espraiam, os criadores do Cangaceirismo profissional saíam nas feiras de Juazeiro, onde, sob a garantia do princípio evangélico do Padre — *não denunciar* — ocultavam-se nas propriedades agrícolas dos chefes regionais.

No decurso da Revolução de 5 de Julho de 1924 os chefes das milícias provisórias, organizadas pelo Dr. Floro, atraíram a Juazeiro Lampeão e seu grupo que então aterrorizavam os sertões de Sergipe a Paraíba. A passagem do famoso *capitão* em Barbalha foi pública. Assistimos á sua entrada na cidade, acompanhado de um oficial provisório, em 1927. Não se reproduziu mais a aventura do bandoleiro no Ceará.

O sertanejo viveu dias alarmados no decurso do terceiro período da história de Juazeiro. No entanto as romarias não arrefeceram. Assistimos em Sousa á passagem de caravanas de romeiros vindos do interior

de Pernambuco e daquele Estado, que tomavam o trem na estação ferroviária da cidade referida, com a mesma crença, a mesma confiança no Padre Cícero, a mesma Fé em Nossa Senhora das Dores. Iam visitar Juazeiro, pagar as promessas, depositar o óbolo que traziam e receber a bênção do *Padim Ciço*. Ouvimos, não poucas vezes esses homens simples e sinceros, pobres e abastados, que se dirigiam, anualmente, á Cidade Santa do Nordeste, depois de longa caminhada.

O ano de 1930 assinala o fim do prestígio político da Cidade de Juazeiro, com a queda da primeira República, mas o Padre Cícero continuou com a mesma ascendência sobre as populações dos Estados do Nordeste. Não se opôs á busca das armas na Cidade, não combateu, por palavras ou atitudes, a revolução triunfante; aceitou a nova situação, aconselhando a todos obediência ás novas autoridades, ao novo Govêrno. Seu prestígio não ficou abalado com a entrada vitoriosa dos adversários políticos que tomaram conta do poder, mas não poderam governar sem seu apoio, decorridos os primeiros momentos de exaltação.

As lutas políticas, que se processaram para as eleições dos representantes cearenses á Constituinte de 1934, restauraram o poder eleitoral da cidade de Juazeiro.

Em meio de todas as vicissitudes por que passou, Juazeiro continuou a receber os romeiros. Seu crescimento económico, industrial, comercial, não podia dispensar a cooperação de milhares de romeiros que a frequentavam anualmente e continuam a frequentá-la.

Os acontecimentos políticos que se desenrolaram entre 1922 e 1930 representam a fase preparatória da Revolução que triunfou em 3 de Outubro de 1930. Nesse período de agitações políticas que abalaram os sertões, com a trágica morte de João Pessoa, oPadre Cícero não perdeu a confiança do povo. Juazeiro transformou-se em centro de reunião de todos os que fugiam da área da luta iniciada em Princesa, na Paraíba, ou do vasto cenário do cangaceirismo. OPadre, ouvido em todas as 'questões locais, não raro evitou grandes catástrofes. Para Juazeiro vieram os que abandonaram a terra onde moravam, na Paraíba, em Pernambuco, na Baía, em Goiás ou no Piauí, tal era o poder de persuasão que tinha o Padre Cícero, apesar do combate constante que lhe moviam os adversários.

Entre 1930 e 1935 inicia-se o quarto e último período da Cidade Mística de Juazeiro. A Cidade viveu nesse lustro dias de intensa actividade. Os homens de projeção social realizaram obras de caracter social que muito contribuiram para o progresso da Cidade, destacando-se, dentre todas, a fundação da Escola Normal Rural, a título de experiência pedagógica e o Banco de Juazeiro. A primeira atraiu para a Cidade a mocidade desejosa de um preparo profissional e de uma nova orientação do ensino em uma das áreas agrícolas mais ricas do Estado.

Os grupos políticos, no quinquénio referido, abandonaram as lutas partidárias e voltaram-se para o progresso da Cidade e do Município. A figura respeitável do Padre Cícero, próxima dos noventa anos, era venerada, não só pelos romeiros, mas por todos os que viam no patriarca a garantia da paz na terra de Juazeiro.

As romarias continuavam seu rítmo. A corrente mística envolvia todas as classes sociais do Nordeste.

17 — O ano de 1935 encerra o quarto período da vida mística da Cidade de Juazeiro, com o falecimento do Padre Cícero Romão Baptista, ao 91 anos de idade. Foi um acontecimento que repercutiu dolorosamente entre as populações rurais. Em todas as cidades interiores da Baía, Alagoas, Pernambuco, no baixo e médio São Francisco, sentiu-se a tristeza do povo, que botou luto pelo patriarca.

Os que observavam a questão religiosa do Juazeiro apenas pelo angulo material, admitiam que a morte do Padre Cícero seria o fim das romarias. A cidade decresceria, as populações rurais retrair-se-iam. Não aconteceu, porém, como muitos pensavam. As romarias ao túmulo do Padre Cícero e ao Santuário de Nossa Senhora das Dores continuaram com mais intensidade. Muitos romeiros vieram se fixar em Juazeiro. Criou-se em tono do Padre novo ciclo lendário, notadamente na região sanfranciscana. Não acreditaram na sua morte. Esperam a sua volta. Aguardam sua ressurreição.

A cidade de Juazeiro não interrompeu seu crescimento, depois da morte do Padre Cícero. As pequenas indústrias, o comércio e a agricultura continuam a apresentar um índice de assinalado progresso. Seus habitantes contiuuam a trabalhar com o mesmo interesse pelo desenvolvimento da terra. Dentro da Cidade. o ciclo místico continua. O foguetão anuncia a entrada do romeiro. O túmulo do Padre Cícero passa o dia com velas votivas acesas e o romeiro orando a seu *Padim Ciço,* na esperança de um milagre que, muitas vezes, a imaginação cria e propaga.

A Cidade Mística permanece nas romarias, nas visitas ao túmulo do Padre Cícero, na esperança da sua volta, na reprodução das suas palavras de Fé e de obediência.

Das regiões mais distantes continuam vindo os romeiros. No dia do aniversário do falecimento do Padre Cícero cresce de modo extraordinário o número de visitantes. As ruas ficam cheias. As pensões do centro da cidade, do *arisco,* os alpendres das casas, as árvores, tudo serve para acomodar os que vêm cumprir o dever de visitar o túmulo do *Padim Ciço.*

Os romeiros continuam com o mesmo respeito ao vigário da freguezia, mas os motivos das suas preces, dos ex-votos, da visita a Juazeiro continuam sendo os mesmos, o Santuário de Nossa Senhora das Dores e o Padre Cícero.

A Cidade Mística de Juazeiro não tem como limites a área territorial onde se encontra, mas estende-se por todo o sertão do Nordeste, nas orações, nas preces que o romeiro diáriamente faz em memória do seu patriárca.

A Cidade económica cresceu, ultrapassou as demais cidades vizinhas, por seu comércio, suas pequenas indústrias que levam ao coração do Brasil a mensagem do seu artezanato, por intermédio de suas obras de ourivesaria, cutelaria, pelas redes de Juazeiro, conhecidas mais dos pobres. Nas suas oficinas de ouriveis trabalha-se no ouro dos garimpos do Gurupi, os seus *mascates modernos* negociam em Maranhão, em Gilbués, na Lapa, vivem permanentemente em contacto com os romeiros, alimentando sua fé, levando a lembrança da terra santa de Juazeiro.

Joazeiro, Cidade Mística, continuará no Brasil para desmentir as versões destruidoras dos que viram Juazeiro através de uma viagem rápida, atrás de sensacionalismo, de inéditismo.

Toda a vida do Nordeste sertanejo concentra-se em Juazeiro. O folclore de todos os Estados converge para Juazeiro, onde sofre a influência do meio, passando por variantes, que os cantadores espalham nas cantigas. Folclore da Baía, das Alagoas, de Pernambuco, do Piauí encontram-se nas ruas de Juazeiro, em suas feiras, em suas festas populares. Está faltando um garimpeiro que deseje pesquisar, reconstituir aspectos da vida sertaneja, que, dentro em pouco, não existirão mais.